



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de
gênero, feminismos, raça/etnia, sexualidades**

**Sub-eixo: Relações étnico-raciais, povos indígenas, negros/as, quilombolas,
ribeirinhos e desigualdades**

**AS MULHERES DE SANTA RITA DE CÁSSIA, NO AMAZONAS: A
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A LUTA PELA ENERGIA SOLAR**

IRAILDES CALDAS TORRES¹

RESUMO

Este estudo discute a luta das mulheres de Santa Rita de Cássia, situada no interior do Amazonas. Expõe a violência doméstica e a luta delas pela energia solar. A metodologia consistiu nas abordagens qualitativas sob a inspiração da teoria crítica. Ficou constatado que a violência doméstica necessita de enfrentamento por parte do Estado. A energia solar é luta atual das mulheres desta comunidade.

Palavra-Chave: Mulheres. Violência Doméstica. Energia Solar

RESUMEM

Este estudio discutir la lucha de las mujeres en Santa Rita de Cássia, ubicada en el interior de Amazonas. Expone la violencia doméstica y su lucha por la energía solar. La metodología consistió en enfoques cualitativos bajo la inspiración de la teoría crítica. Se constató que la violencia doméstica debe ser enfrentada por el Estado. La energía solar es la lucha actual de las mujeres de esta comunidad.

Palabra clave: Mujeres. Violencia doméstica. Energía solar

Introdução

Este trabalho se inscreve no contexto de uma pesquisa financiada pela FAPEAM – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas, realizada na área rural dos

¹ Universidade Federal do Amazonas

municípios de Parintins e Maués, num total de seis comunidades tradicionais. Neste texto situarei a Comunidade Santa Rita de Cássia que está localizada na região da Valéria, no município de Parintins, Amazonas. A pesquisa assume o propósito de verificar as questões de gênero nesta comunidade, incluindo a violência doméstica, o trabalho pesado das mulheres na roça, bem como de que forma elas podem contribuir para com o processo de iluminação por meio da energia solar. Trata-se de verificar o nível de organização desses moradores, especialmente as mulheres sob os auspícios do associativismo e do controle social. Neste âmbito, torna-se mister realizar o levantamento das potencialidades da Comunidade Santa Rita de Cássia, sede central da região da Valéria, para fins de implementação da energia solar.

A metodologia é pautada nas abordagens qualitativas sem exclusão dos aspectos quantitativos, sob a inspiração da teoria crítica. Busca-se instigar o Estado a voltar seu olhar para o interior do Amazonas, especialmente no que diz respeito à provisão de energia solar aos moradores das comunidades tradicionais. Os serviços de energia solar devem ser garantidos pelo Estado, sobretudo nas localidades onde inexistente o Programa Luz para Todos.

Esperamos que esse inventário – diagnóstico contribua para a construção de parcerias entre o Estado e a empresa de energia elétrica do Amazonas, a fim de que seja possível o acesso dos povos tradicionais a esse bem público. Do mesmo modo, espera-se que o Estado faça o enfrentamento da violência doméstica nessa comunidade.

Santa Rita de Cássia, sua história e sua gente

Era manhazinha quando nossa equipe aportou nas terras da região da Valéria, comunidade Santa Rita de Cássia, onde fomos recebidos por Saúde Xavier, coordenador da comunidade. Passava um pouco das oito horas da matina, um dia ensolarado, quase sem vento, nas cercanias do rio Amazonas, apontado por Daniel (1975), como o máximo rio Amazonas. Por alguns minutos pude contemplar a revoada de pássaros que triscavam a água barrenta, às vezes, pairando repentinamente para beijá-la em busca de peixe.

A vida tem esses momentos de luminosidade poética como se aquela cena amazônica ficasse suspensa no ar, dando contorno multicolor à íris dos olhos de quem vê, numa surpreendente fragrância e beleza que o criador presenteia. A cena poética nos permite sentir o pulsar do objeto contemplado, neste caso, sentimos em nosso ser o pulsar do balé dos pássaros e partilhamos com ele a sua existência por meio do sopro poético.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A região da Valéria é um lugar mítico e poematizante. É o lugar da Valéria, uma mulher mítica que, em meados do século XX, ofertou em dádiva ou doação lotes de terras às pessoas sem terra daquela região. Uma mulher forte, visionária e destemida que enfrentou o poder patriarcal de seu tempo, constituindo-se num arquétipo coletivo que inspira outras mulheres a tomarem para si os rumos da sua própria história. A transgressão feminina frente ao patriarcado é sempre um grande desafio, exige muita coragem e ousadia. Muitas vezes, as próprias mulheres não acreditam que elas têm poderes e que são capazes de grandes feitos e realizações. É o que podemos perceber neste poema de Adélia Prado (2017, p. 108), vejamos:

Eu vivo sob um poder que às vezes está no sonho. No som de certas palavras agrupadas em coisas que dentro de mim refulgem como ouro.

Essa perspectiva de construção e auscultação do campo de pesquisa como uma cartografia sentimental, tecendo sociabilidades, foi fundamental como exercício filosófico de tessitura do conhecimento. Antes, porém, de qualquer iniciativa de captura de informações de campo tornou-se imperioso construirmos uma relação de familiaridade, reciprocidade e confiança mútua com os comunitários. Oliveira (2006) recomenda disciplina no fazer antropológico centrado no ato de ver, ouvir e escrever, que tem permitido ao pesquisador/pesquisadora a apreensão do real de forma mais aproximada.

Santa Rita de Cássia é uma comunidade de terra firme localizada na região da Valéria. As primeiras pessoas chegaram a essa localidade em 1957, quando algumas famílias se instalaram nessa terra que integra o lote das terras doadas pela Valéria, a matriarca que se compadeceu dos pobres sem-terra no primeiro quartel do século XX. Posteriormente, em 1996, o projeto de Assentamento da Vila Amazônia absorveu essas famílias que passaram a ser assentadas pelo INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Santa Rita de Cássia é uma típica comunidade amazônica na acepção de Wagley (1988, p. 125), no sentido de que,

O modelo de organização espacial observado em comunidades amazônicas é fruto de herança jesuíta na região, cujo plano estrutural tem na edificação da Igreja seu principal símbolo, sendo geralmente localizada numa área central da comunidade e de frente para o rio.

A igreja de credo religioso católico é dedicada à Santa Rita de Cássia, uma freira agostiniana que nasceu em Roccaporema, Itália, em 1831 e morreu na cidade de Cássia, em 1457. Foi canonizada em 1900 pela Santa Sé e sua festa é celebrada no mês de maio por ser o mês de sua morte. É a santa das causas impossíveis, protetora das viúvas e das mães. Sua

festa na comunidade Santa Rita reúne outras comunidades da redondeza como Betel, São Paulo da Valéria, Marituba, Bete Seme, Murituba e Paraná de Parintins.

A comunidade Santa Rita de Cássia possui 84 famílias assentadas (SEMSA/ Parintins, 2022). As casas são simples e construídas pelos próprios moradores, em madeira e alvenaria com dois ou três cômodos, para abrigar famílias numerosas. Esta é uma região de sítio arqueológico descrito por Hilbert e Hilbert (1975) e identificado como AM – PT. O sítio arqueológico na região da Valéria tornou-se uma atração aos turistas que vão em busca de conhecimento de sua história étnica e dos artefatos arqueológicos reproduzidos pelos comunitários, sobretudo pelas mulheres.

A Igreja é, realmente, a representação mais definida do Cristianismo sob a intervenção jesuítica na Amazônia. A cruz, ícone do Cristianismo, era imediatamente fincada na localidade onde os missionários construam um vilarejo para reunir o povo em profissão de fé. A conquista religiosa da Amazônia foi ostensiva, os missionários empreenderam um grande projeto de colonização cristã para evangelizar os indígenas, que tomariam parte, nas fileiras do catolicismo que perdia espaço para o protestantismo de Lutero.

Comunidade amazônica, como conceito explicativo das relações de pertença a uma territorialidade “são grupos que se organizam para viver uma vida relativamente comum em seus aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos” (Wagley, 1988, p. 44). Segue o autor dizendo que,

É nas comunidades que os habitantes de uma região ganham vida, educam seus filhos, levam uma vida familiar, agrupam-se em associações, adoram seus deuses, tem suas superstições e são movidos por valores e incentivos de suas determinadas culturas.

A comunidade Santa Rita de Cássia possui os seguintes equipamentos sociais: 01 escola de ensino fundamental e médio mediado por tecnologia. Possui 01 posto de saúde, 01 centro social, 01 igreja de credo católico; 01 poço artesiano, 01 taberna comercial, 01 cemitério, 01 telefone comunitário, 01 campo de futebol e 01 associação de trabalhadoras e trabalhadores artesanais. Possui o Programa Luz para Todos que é bem limitado e precário, em virtude da ausência de monitoramento por parte da empresa de eletricidade local. A água não é tratada, é proveniente de poço artesiano, o lixo é queimado e enterrado. Possui 01 quadra desportiva que encontra-se em construção.

A comunidade Santa Rita de Cássia, no geral, possui uma organização social própria dos pequenos grupos rurais, organizados como “comunitários”, segundo a concepção de



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Durham (1972). Trata-se de um grupo que se organiza em torno da confecção de artesanato e das atividades agrícolas como a produção de hortaliças, tubérculos, leguminosas e frutas. De acordo com Dias (2020, p. 93),

A Comunidade Santa Rita de Cássia do ponto de vista territorial é a maior comunidade pertencente ao complexo da região da Valéria. É banhada pelo Lago da Valéria e está localizada sobre o sítio arqueológico AM – PT – 01. Podemos chegar até a comunidade tanto pela via fluvial quanto terrestre. Via fluvial, indo de voadeira com motor 40 HP de Parintins até Santa Rita de Cássia. A viagem tem a duração de 1h40 min de barco motor 114 HP que realiza viagens semanais para a comunidade, a duração gira em torno de 3h40min. E pela estrada do assentamento, saindo da Vila Amazônia, o percurso chega a ser aproximadamente de 59 km de distância.

Santa Rita de Cássia é considerada a primeira comunidade instituída pela Prelazia de Parintins. Foi fundada, conforme Cerqua (2009, p. 155), “em 25 de maio de 1957. Recebeu o nome de Comunidade da Valéria, tendo como padroeira Santa Rita de Cássia”. É, portanto, a comunidade de referência ou o centro de maior visibilidade para outras comunidades vizinhas e co-irmãs. Há, por parte dos moradores, a preocupação com os aspectos imateriais da condição humana, com a sociabilidade da vida, envolvendo toda uma rede de simbologia que inclui as festas e a religião. Durkheim (1989), considera que há estreita relação entre religião e festas, entre recreação e estética. O autor mostra que há uma proximidade entre o estado religioso e a agitação, o delírio, os excessos ou exageros das festas. Há também uma hierarquização nas festas, o sagrado está acima do profano. A música só começa a tocar quando a novena termina.

No caso de Santa Rita de Cássia a festa profana foi proibida pela Igreja Católica, em virtude do uso de bebida alcoólica, “o que causava desavenças e conflito dentro da comunidade” (Saúde Xavier, entrevista, 2022). Durkheim (1989, p. 69), é enfático em afirmar que “as coisas sagradas são facilmente consideradas como superiores, em dignidade e poder, às coisas profanas e particularmente ao homem, quando este não é senão homem e não tem, por si mesmo, nada de sagrado”. Esses casos de desavença têm resultado em violência doméstica. Ivone de Sá Rodrigues (50 anos) uma das mulheres ouvidas na pesquisa revela o seguinte:

Tem violência doméstica na comunidade e o motivo é a bebida. Já denunciei três agressores de mulheres. Também está existindo muita violência por causa do uso de droga. A bebida alcoólica é o maior problema social da região da Valéria (entrevista, 2023).

Silvia de Oliveira Rodrigues (51 anos), ao ser indagada a respeito do tema da violência doméstica, considera que “tem violência doméstica na comunidade Santa Rita por causa da bebida e do ciúme” (entrevista, 2023). Em outra comunidade pesquisada, São Paulo da Valéria,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

também detectamos o problema da violência doméstica. Maria Valdecira da Silva Siqueira (56 anos) nos informa este dado nos seguintes termos:

Tem muita violência doméstica em São Paulo da Valéria. Homens batem em mulheres constantemente por causa da bebida e da droga. Teve o assassinato de uma criança de nove anos que foi estuprada e morta. Depois foi amarrado o corpo num pau debaixo do rio (entrevista, 2023).

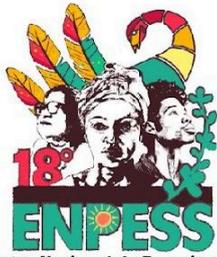
As relações de gênero carregam elementos das desigualdades desde os tempos imemoriais de construção das representações do masculino e do feminino, e, isto, conforme Del Priore (2009) contribui para a hierarquização dos gêneros. Essas desigualdades vão se transvestindo ao longo do tempo em violência contra a mulher, várias violências. Conforme Viana e Torres (2023, p. 23), “a violência doméstica pode ocorrer entre membros do mesmo grupo familiar ou por aqueles que possuem uma relação de afinidade ou íntima de afeto com a vítima da violência”. Trata-se de relações interpessoais de desigualdade e de poder entre os gêneros feminino e masculino.

É grave a situação de violência doméstica nas duas comunidades da região da Valéria aqui examinadas, localidades interioranas onde é mais difícil chegar o aparato judicial da Lei Maria da Penha. Triste realidade de proliferação de drogas lícitas e ilícitas que “além de acarretar danos à mulher – físicos, psicológicos e emocionais – prejudica sua vida e também afeta o bem-estar dos filhos que estão expostos à essa violência” (Pontes, 2023, p.103).

A gravidade da violência doméstica vem se somar aos estupros de vulneráveis praticados na comunidade como é o caso revelado por Maria Valdecira. Urge que o Estado de proteção social chegue até essas comunidades com políticas públicas de enfrentamento às drogas, pois, até quando as crianças continuarão sendo assassinadas por abuso sexual!

Dando continuidade a esta etnografia voltamos o nosso olhar para a sociabilidade cultural na comunidade Santa Rita de Cássia, um momento folclórico vivenciado no mês de agosto, a saber: as danças da escola, a exposição do boi arretadinho, torneio de futebol, sorteios, bingos e outras animações. A formação social da comunidade, como aludimos anteriormente, tem base religiosa bem definida no catolicismo, seus moradores vieram do Estado do Pará e das localidades próximas à região da Valéria, cujas culturas lançam raízes na religiosidade popular das promessas e novenários. Para Tosta (1997, p. 60),

A religião é um lugar de reza, de oração e de refinamento da fé, da novena e da procissão, da reflexão, da discussão das agruras e alegrias cotidianas; do negócio e do ócio, do encanto e do desencanto, da recriação de um espaço utópico chamado comunidade, onde se celebra a vida.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Esta simbologia que impulsiona o acontecer da vida expressa também respeito pelos bichos visagentos da floresta, seus presságios e “avisos”, numa interrelação com a Mãe-Natureza. Os moradores de Santa Rita encontram nesta rede de simbologia os sentidos da vida. Organizam-se em torno desta mística espiritual em sua liberdade para viverem sua individuação como sujeitos. O lazer e as festas são elementos fundamentais para manter o equilíbrio e a felicidade dos comunitários, enfim, para assegurar o seu bem-estar.

O trabalho e a lida diária dos moradores assentam-se numa rotina típica do homem e da mulher da área rural: acordar cedo com o cantar do galo, às quatro horas da manhã, quando começam a se locomover de um lugar para outro, utilizando como meio de transporte cascos, canoas ou bajaranas. Caminham nas trilhas para chegarem a seus roçados onde produzem os alimentos agrícolas para a subsistência. Silvia de Oliveira Rodrigues, ouvida em nossa pesquisa revela que,

Todo o trabalho da roça eu faço: roçar mato, faço a derruba, queima, planto e arranco. Depois faço a farinha. Quando eu pego muita fumaça eu não consigo dormir por causa da fumaça nos olhos (entrevista, 2023).

Torres (2012, p. 199-200), chama a atenção para o fato de que “o trabalho para as mulheres é um fator de reconhecimento delas por parte da comunidade, é uma espécie de ‘troféu’ que elas recebem, mas são vistas como coadjuvantes do marido”. Trata-se de um trabalho pesado que prejudica a saúde das mulheres como é o caso da fumaça que cozinha os olhos das mulheres. Conforme esta autora, “as próprias mulheres rurais reconhecem que elas executam trabalhos pesados, como é o caso da preparação do roçado para o plantio agrícola” (Ibidem, p. 202).

O transporte regional utilizado pelos moradores para o deslocamento da comunidade à Parintins, sede do município, é o barco de linha, que encosta no beiradão para “pegar” as pessoas mediante um valor financeiro correspondente ao transporte do passageiro.

Outro tipo de transporte é a rabeta constituída por uma canoa aparelhada com um pequeno motor de propulsão movido a gasolina ou a óleo diesel. Somente 11% dos moradores utilizam-se da rabeta em virtude do alto custo para o seu manuseio. Outros moradores utilizam a bajara que é um pequeno barco de madeira com motor de centro movido a gasolina. O transporte de caminhão por via terrestre é pouco utilizado, somente 3% dos moradores o utilizam em virtude da precariedade da estrada de chão batido, sinuosa e acidentada.

A vida dos moradores da várzea e da terra firme na Amazônia é entrelaçada com o



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

mundo dos rios e das águas. Os rios constituem-se num dos elementos da natureza que mais envolvem os humanos em relação de afetividade e pertencimento. As águas são espaços de sociabilidade nas quais as pessoas se divertem com brincadeiras de pular n'água, fazem piquenique, passeios para igapós dentre outros. E os rios são estradas ou vias que permitem o deslocamento na Amazônia. Os rios possuem uma função social nesta região, como anuiu Tocantins (1961).

A água é, por si, um bem vital. É mantenedora da vida sem a qual esvai-se o sopro da vida. A água possui também uma função sociocultural, tem uma historicidade, uma afetividade sentimental. Evoca histórias sagradas, encantarias, origens humanas, especialmente para as etnias indígenas, como os Tukano, que tem suas origens na canoa da transformação singrando o lago de leite. Assim como o útero feminino a água é húmus, gera vida e deste modo, toda a natureza compartilha da capacidade geradora e de procriação. Ou seja, toda a natureza comunga do mundo das águas.

Em Bachelard (2013), a água é associada a uma imaginação criadora, ela produz devaneios, sonhos. Mulheres e homens podem contemplar na água suas próprias imagens, e entrar em devaneio ou em sentido de paixão por si próprio, como ocorreu com Narciso, retratado por Ovídio. Bachelard (2013, p.23), lembra que "Narciso desenvolve o amor do homem por sua própria imagem, por esse rosto que se reflete numa água tranquila".

A água possui um sopro divino, um anelo de leveza, renovação, um movimento dançante com borbulhas poematizantes. Para Bachelard (2013), a água possui uma imagem imaterial preñe de imaginação. Ela contém elementos de mobilidade e fluidez, um movimento metamorfoseante capaz de fazer trepidar a imagem de Narciso.

A vida é melhor no devaneio, no balbuciar da singeleza e da ternura. A vida não é constituída só da dura batalha do existir, não é só sofrimento. É também um doce encanto. É, pois, no afã deste debate, que podemos perceber o quanto Ovídio criador de Narciso, como Bachelard criador das teorias dos devaneios, estão preocupados com a existência, com o ser, e o que o ser é capaz de fazer de si próprio. Ou seja, como ele sonha, como constrói a imagem de si mesmo, como ele assume suas contradições, seus duplos (Morin, 2000), seus devaneios (Rousseau, 1995), numa dança metamorfoseante/ ovidiana.

Os moradores da comunidade Santa Rita de Cássia se entrelaçam com o movimento das águas e dos rios de forma intensa e metamorfoseante. É, com efeito, o movimento da água e do rio que traz a economia para a comunidade. É responsável por trazer os turistas para visita



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

à comunidade e para quem os moradores comercializam os produtos artesanais e as réplicas de peças arqueológicas. Ilza Mendes, moradora da região da Valéria, em entrevista concedida à Naia Dias, revela o seguinte:

Aqui na Boca é o local de nossa entrada e saída da Valéria através do rio Amazonas [...]. É também o local onde recebemos os turistas, aqueles que vêm nos grandes navios. Os turistas vêm pra cá desde o final da década de 1970. É aqui também que fazemos nossa venda tanto de artesanatos, comida, produtos diversos como remédios caseiros feitos de cascas de pau e que servem para curar muitas doenças. Então, aqui na Boca é o movimento de toda a atividade que fazemos desde a roça até o turismo (In: Dias, 2020, p. 84).

Observe-se que há na fala de Ilza um sentimento de pertença com o rio, uma relação de prosperidade com a Boca enquanto um lugar de sobrevivência. Um religar da vida com a economia doméstica que é propiciado pelo mundo das águas, pelos caminhos dos rios enquanto estradas e rotas turísticas.

Os povos tradicionais da Amazônia vivem uma experiência singular com os rios e as águas, para além do plano da sobrevivência. Seus modos de ser e estar no mundo são banhados pelo mundo das águas, um paraíso rico em representações materiais e imateriais. Reis (2003, p. 19), lembra que “Euclides viu a Amazônia como o último capítulo do Gênesis”. Ou seja, a Amazônia “deu a impressão a Euclides de uma terra que seria a grande prova que se submeteria o homem [...], uma prova que já refletia uma decisão que destruía todas as ‘verdades’ assacadas contra os trópicos” (reis, 2003, P.23).

O homem amazônico retratado por Euclides da Cunha como aquele que não sobreviveria na região, em virtude do clima e das condições inóspitas para a vida humana, não correspondeu às expectativas desse sertanista. O homem amazônico não submergiu nas enchentes do rio e nem foi abatido pelos insetos e bichos da floresta. Homens e mulheres vivem na região como sujeitos protagônicos, construindo-se nos trópicos como exímios conhecedores de suas entranhas.

De acordo com Torres (2005, p.19), “os nativos conhecem o solo, a flora, a fauna, a cheia e a vazante dos rios, os períodos secos e chuvosos, os perigos que a mata apresenta, enfim, tem uma relação harmoniosa com a natureza adaptando-se a ela conforme suas leis”. Trata-se de uma relação de pertença com laços identitários bem definidos entre os moradores da comunidade Santa Rita de Cássia e a Boca da Valéria que é uma porção do rio Amazonas que dá entrada para o Lago da Valéria, que margeia toda essa região geograficamente conhecida como a Serra de Parintins.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Vanilza, moradora da região da Valéria, em entrevista concebida à Naia Dias aponta para o fato de que “sempre a gente procura cuidar da natureza, porque é dela que a gente tira o alimento, nosso sustento e também os produtos de nosso artesanato. Tudo vem da terra, da mata e da água” (In: Dias, 2020, p.144). O Lago da Valéria contém em suas entranhas uma força imaginária expressiva, sendo, pois, tributário das memórias do lugar, guardião ancestral da memória das terras doadas pela matriarca Valéria. Estamos diante de uma historicidade que tece os caminhos de uma ontologia das criaturas.

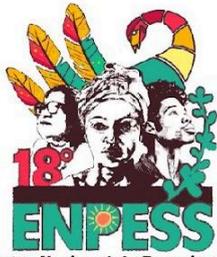
Se, para Ricoeur (2010), a memória é uma ferramenta que garante ao ser que algo realmente ocorreu, posto que se encontra registrado em sua lembrança, para Bachelard (2009), o devaneio é a mais potente atividade da imaginação, uma imaginação criadora que remete para a compreensão de si. Ou seja, é o devaneio imaginativo que cria e elabora aquilo que a memória vai guardar. A memória é, então, a repositária do imaginário.

A relação de respeito dos moradores para com a natureza, especialmente no contexto das águas, é mantida com muita seriedade. Vejamos a narrativa de Maria Souza de Brito, recolhida por Naia Dias:

Teve uma vez quando criança eu estava lavando roupa na ponte lá no Lago da Valéria, e lá tinha umas primas e a gente resolveu brincar de nadar, apostando que chegava mais longe da beira. E tinha que pular da árvore e nadar, e nisso, na brincadeira me esqueci da hora. Lá no meio do lago olhei para o sol e vi pelo sol que era meio dia, não podia tá na beira barulhando naquela hora. Nadei rápido, mas minhas pernas iam ficando pesadas, ia me afogando, sentia alguma coisa lá no fundo me puxando [...]. Eu acho que era a mãe da água me ralhando, arranjei força e nadei pra beira do lago. Assim eu aprendi a não perturbar o sono da mãe d'água e de outros moradores do fundo da água (In: Dias, 2020, p.148).

Observe-se que há na fala de Maria Souza de Brito uma relação não só de respeito para com a natureza, mas também, um certo preceito moral. Há uma interioridade ou uma subjetivação das normas morais em relação à natureza, um religar da vida da moradora com o mundo das águas. A terra, a água e a floresta, compõem o universalismo da religiosidade dos povos da floresta, as estruturas imaginativas e simbólicas de sua consciência. Corresponde, conforme Ricoeur (2010, p.83), “a uma temporalização, uma distensão do espírito”.

Essa distensão do espírito corresponde ao elemento da imaginação criadora, em cuja memória do ser, reside retalhos e fragmentos de ações imaginárias. Esses elementos fazem brotar no seu imaginário os entes da floresta como os encantados, a mãe da água e os companheiros do fundo, que são entidades guardiãs dos rios. Surgem também no imaginário os bichos visagentos que atuam como seres que regulam o comportamento de homens e



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

mulheres, fazendo interdições, emitindo presságios e outros cânones, tendo como horizonte o equilíbrio da vida humana com os ecossistemas amazônicos. Maria Souza de Brito é enfática em reconhecer a ação da natureza na vida dos moradores da região da Valéria, nos seguintes termos:

A gente aprende desde jatinho a prestar atenção e ouvir o que a natureza nos diz, porque assim como nossa mãe, ela protege, cuida, mas também ralha [...]. Aprendi a pescar desde criança, eu tinha 13 anos e acompanhava meu pai. Ele sempre me ensinou a respeitar o rio. Hoje pesco com meu segundo companheiro, a gente passa a noite no rio [...]. Ele vigia de noite as malhadeiras e eu ajudo a retirar os peixes, só ficamos com os grandes, os pequenos a gente deixa pra crescer no rio (In: Dias, 2020, p.157).

Atente-se, mais uma vez, para o fato de que os povos tradicionais da Amazônia mantêm uma interrelação urdida com a natureza, uma vivência indissociável. Capra (1982, p.199), chama a atenção para o fato de que,

O homem vive na natureza significa que a natureza é seu corpo, com o qual ele deve permanecer em contínuo intercuro se não quiser morrer. Que a vida física e espiritual do homem está vinculada à natureza significa, simplesmente, que a natureza está vinculada a si mesma, para o homem é parte da natureza.

A natureza ou o ecossistema enquanto *physis* material e imaterial sofreu exclusão em sua relação com a vida humana, foi diminuída em seu significado, tornou-se menor, irracional, sob o domínio da razão ocidental. Foi, pois, sob a égide do pensamento cartesiano que ocorreu a ruptura entre natureza e cultura. Tanto o sistema capitalista quanto os Estados Nacionais se apropriaram dos bens naturais, coisificando-os no campo da mercantilização, destituindo a natureza de sua ontologia. Uma ontologia de completude entre natureza e cultura. O asilo natureza e cultura, criticado por Lèvi-Strauss (1991), não contribui para o avanço da humanidade ou para o desenvolvimento humano.

O trabalho da pesca é bem pujante na vida dos moradores da comunidade Santa Rita de Cássia, como vimos na narrativa de Maria Souza de Brito. É uma atividade de subsistência e para a comercialização, a qual vem se juntar a outras atividades econômicas como a agricultura familiar e a artesanaria. Os moradores se organizam comunitariamente tendo à frente um coordenador, que se responsabiliza e responde pela comunidade junto ao seu povo e aos poderes públicos. O atual coordenador é o senhor Saúde Xavier que foi eleito pelos moradores para cumprir um mandato de dois anos.

O coordenador é o agente que mobiliza e dinamiza a ação comum de homens e mulheres dentro da comunidade sob os nexos da cooperação e da solidariedade. A cooperação e a solidariedade são elementos importantes da vida em comunidade. São definidoras da



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

resistência, pois, juntos, eles constituem uma força que pode enfrentar pressões e dificuldades. A força da união é capaz de transpor barreiras e superar grandes obstáculos postos pelos novos tempos.

A força das mulheres na organização comunitária e na energia solar

As discussões de gênero como categoria analítica têm relutância em considerar a mulher como vítima da história, assim como não considera que elas são heroínas numa suposta emancipação social. Aconteceu, outrossim, que elas foram silenciadas e tornadas invisíveis no curso da história. No contexto da agricultura, no seu início, as mulheres ocidentais estiveram inseridas nos processos de trabalho, desde os tempos remotos da coleta e aragem da terra, como sinaliza Stearns (2012).

Na Amazônia profunda as mulheres sempre estiveram presentes no trabalho da roça e de outras atividades, desde os tempos primordiais antes da conquista. Posteriormente, já no contexto do século XX, elas passaram também a organizar politicamente as suas comunidades, juntamente com os homens. Ivone de Sá Rodrigues (50 anos), ouvida nesta pesquisa sobre o que ela entende por relações de gênero, revela o seguinte:

Gênero significa empoderar as mulheres, dar mais oportunidades a elas, envolvendo a coordenação da comunidade. Que os homens deem mais oportunidades às mulheres. Já teve aqui em Santa Rita coordenadora mulher, mas os homens não acreditavam nela. As mulheres que mais trabalham na comunidade acabam coordenando muito pouco (entrevista, 2023).

O protagonismo das mulheres na vida social da comunidade é um espaço conquistado, não lhe foi dado, foi construído passo a passo. Esses espaços são construídos com dificuldades, em meio a obstáculos do não-lugar que, em tese, não existe. Augé (1994, p. 98), afirma que “a possibilidade do não-lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja”, e que “o lugar e o não-lugar são, antes de tudo, polaridades fugidias” (Ibidem, p. 74).

As mulheres possuem identidade e historicidade, mas é virtualmente um não-lugar. Um caso específico de não lugar é o espaço doméstico que, no contexto do patriarcado é um espaço da mulher, da sua imanência e segregação (Torres, 2005). É o lugar da sua invisibilidade e discriminação dentro de uma cultura da dominação masculina (Bourdieu, 2011). Essa dominação é bem presente na fala de Ivone de Sá Rodrigues quando revela que,

Os homens é que estão mais presentes na direção da associação de artesanato. Mas, são as mulheres que trabalham no artesanato de argila, sementes para fazer colar, brincos, bonecas para vender aos turistas. Falta mais cursos para qualificar o trabalho

das mulheres (entrevista, 2023).

As mulheres aparecem sempre como sujeitos coadjuvantes em relação ao homem que insistem em subjugar-las de alguma forma, mas elas não se deixam sujeitar-se, elas erguem a cabeça e enfrentam a dominação masculina de forma ativa. De acordo com Bruce e Torres (2023, p. 54), “a aura ancestral feminina percorre diversos domínios da Amazônia, mostrando a força da mulher como mantenedora da ordem social, representando a alteridade feminina e um poder selvagem em oposição à superioridade masculina”.

Rubin (1997, p. 8) é enfática em dizer que “as mulheres aprenderam a usar a si mesmas como armas. Elas possuem a força de um projétil, não precisam armar-se com nada mais do que o autoconhecimento”. É isso que enfatiza Ivone de Sá Rodrigues:

As mulheres têm condições de organizar um grupo delas para fazer o controle da energia solar. São as mulheres que vão à mata tirar lenha, elas sabem o que é esse sacrifício. Aqui na comunidade falta luz por três dias seguidos. Isso prejudica os alunos que ficam sem aula e as vacinas que ficam na geladeira estragam. Precisamos fundar um grupo de mulheres para trabalhar com a energia solar, para alavancar a comunidade (entrevista, 2023).

forma:

Também Silvia de Oliveira Rodrigues se expressa nos mesmo termos da seguinte

A energia solar vai ser muito bom para nós mulheres. Vai melhorar a nossa vida. Nós somos mulheres fortes e vamos saber cuidar muito bem das placas que vai ajudar muito a nossa comunidade. Somos nós que vamos tirar lenha na mata para fazer o fogo, somos nós que fazemos a fogueira na comunidade e o fogo no fogão de casa. Isso prejudica a nossa saúde (entrevista, 2023).

Na mesma direção se posiciona Maria Valdecira da Silva Siqueira da comunidade São Paulo da Valéria, vejamos:

Sempre são as mulheres que levam as coisas para frente nesta comunidade. Os homens são muito mole. No âmbito da energia solar elas vão atuar bem e vão dar conta, porque são mulheres muito guerreiras (entrevista, 2023).

As relações de gênero são travadas no terreno do poder, onde segundo Saffioti (1992), tem lugar a exploração dos subordinados. Historicamente, as mulheres se colocaram nas

sendas da arena política, para reivindicar seus direitos na sociedade (Torres, 2005). Na região da Valéria as mulheres se impõem como sujeitos políticos com determinação. Como diz Rubin (1997, p. 13), “estamos falando de poder, força e sacrifício”.

As mulheres agem pela via dos micropoderes, ou seja, o poder para agir em espaços pequenos, apertados e perigosos. A estratégia é a arte de manobrar usando nada mais do que um gesto ou agindo meramente pela percepção. As mulheres constroem os seus próprios espaços, ninguém as empodera, elas mesmas vão se empoderando aos poucos, vão exercendo diariamente os seus poderes, numa espécie de microfísica do poder como é notabilizado por Foucault (1993).

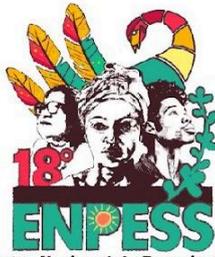
Gênero, visto como uma categoria relacional que envolve homens e mulheres numa determinada sociedade, está fortemente associado ao poder, como uma relação primeira, tal qual é apontado por Scott (1991). Em Foucault a perspectiva de poder é relacional e se apresenta como “constelações dispersas de relações desiguais, discursivamente constituídas em campos sociais de forças. Esta concepção de poder permite a análise do fenômeno em pauta, quer a nível macro, quer a nível micro” (Saffioti, 1992, p. 185).

As mulheres da Valéria, grandes guerreiras, como diz Maria Valdecira, se inscrevem nessa linhagem de mulheres fortes, destemidas, que fazem a vida acontecer de forma unida e organizada. Não isenta de conflitos e obstáculos, mas sabendo administrá-los e tocar a vida para frente. As mulheres da região da Valéria lutam para reverter a situação de dominação masculina ancorada no patriarcado tradicional que se firmou nos grotões da Amazônia profunda.

Considerações Finais

O modo pelo qual os povos tradicionais se organizam na Amazônia, pela via de laços comunitários e identitários, nos leva a repensar a relação dos seres humanos com a natureza. É preciso acabar com o divórcio entre natureza e cultura, aprendendo com os povos tradicionais a estabelecer uma relação de pertença e reciprocidade com a terra/floresta/água.

Esta pesquisa revela que os moradores da comunidade Santa Rita de Cássia possuem uma relação de afetividade e energia de prosperidade com a Boca da Valéria, que é o local de entrada para o Lago da Valéria, por onde chegam os Turistas para visitação e aquisição de produtos artesanais e arqueológicos. Os grupos de marido, mulher e filhos, são unidades produtivas na agricultura familiar e na artesanaria. O trabalho social mobiliza toda a família,  



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

voltado para subsistência e para o mercado.

As mulheres são sujeitas centrais na organização da economia do grupo doméstico, preocupadas em organizar a comunidade também no âmbito da produção de artesanato e das réplicas de peças arqueológicas. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir com os moradores da comunidade Santa Rita de Cássia e com toda a região da Valéria. Busca-se oferecer um inventário-diagnóstico que sirva para estruturar estratégias de políticas públicas para essa coletividade.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Traduzido por Antônio de Pádua Danesi. 2ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Traduzido por Antônio de Pádua Danesi. 3ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 10ed. Traduzido por Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRUCE, Maria Valcirlene de Souza; TORRES, Iraídes Caldas. **O banho das icamiabas no espelho da lua**. In: TORRES, Iraídes Caldas (org). *Gênero, violência, cultura e interculturalidade na Amazônia: epifanias e novos olhares de pesquisa*. São Paulo: Alexa Cultural; Manaus: EDUA, 2003.

CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. Traduzido por Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1982 DANIEL, João. **Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas**. Vol.1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

CERQUA, Arcângelo. **Clarão de fé no Médio Amazonas**. 2ed. Manaus: Prograf, 2009.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil colônia. São Paulo: UNESP, 2009.

DIAS, Naia Maria Guerreiro. **Valéria, uma arqueologia ancestral: protagonismo mítico matriarcal na Serra de Parintins, Amazonas**. Tese de Doutorado. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2020 DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. Traduzido por Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

DURHAM, Eunice. **Comunidade**. In: Enciclopédia Abril. São Paulo, 1972.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Traduzido por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2014.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

HILBERT, Peter; HILBERT, Klaus. **Resultados preliminares de pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas, Baixo Amazonas.** Traduzido por Mário Simões. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, 1980.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Traduzido por Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo.** 3ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

PONTES, Kelem Rodrigues de Melo. **A violência doméstica: um círculo vicioso que atinge gerações em Parintins.** In: TORRES, Iraíldes Caldas (org). **Gênero, violência, cultura e interculturalidade na Amazônia: epifanias e novos olhares de pesquisa.** São Paulo: Alexa Cultural; Manaus: EDUA, 2023.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida.** São Paulo: Record, 2017.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa 2: a configuração do tempo na narrativa de ficção.** Traduzido por Márcia Valéria de Martinez Aguiar. Vol.2. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

RUBIN, Hariete. **A princesa: Maquiavel para mulheres.** Traduzido por Flávia Beatriz Rossier. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os devaneios do caminhante solitário.** Traduzido por Fúlvia Maria Luiza Maretto. 3ed. Brasília: Edunb, 1995 REIS, Arthur Cezar. **Euclides e o paraíso perdido.** In: CUNHA, Euclides. **Amazônia: um paraíso perdido.** Manaus: Valer; Governo do Estado do Amazonas; Edua, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth. **Rearticulando gênero e classe social:** COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (org). Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero.** Traduzido por Mirna Pinky. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

STRAUSS – Lèvi. **O cru e o cozido.** Traduzido por Beatriz Perrone – Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1991.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida.** 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

TORRES, Iraíldes Caldas. **Reflexões sobre trabalho leve e pesado das mulheres na Amazônia.** In: TORRES, Iraíldes Caldas (org). **O ethos das mulheres da floresta.** Manaus: Valer, 2012.

TORRES, Iraíldes Caldas. **As novas amazônidas.** Manaus: Edua, 2005 WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos.** 3ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

TOSTA, Sandra de Fátima Pereira. **Os rituais da missa e do culto vistos do lado de fora do**



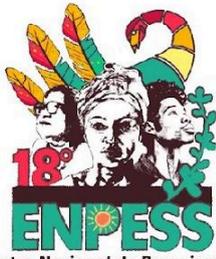
Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

altar: religião e vivências cotidianas em duas comunidades eclesiais de base do bairro Petrolândia, Contagem – MG. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo: USP, 1997.

VIANA, Rayane de Oliveira; TORRES, Iraildes Caldas. **Femicídio íntimo em Manaus: a motivação do crime, forma pela qual o agressor vê a vítima e a masculinidade hegemônica.** In: TORRES, Iraildes Caldas (org). **Gênero, violência, cultura e interculturalidade na Amazônia: epifanias e novos olhares de pesquisa.** São Paulo: Alexa Cultural; Manaus: EDUA, 2023.



**Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social**

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

**Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social**



**Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social**

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

**Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social**